



## **A greve dos carpinteiros no gueto de Łódź**

The Carpenters' Strike in the Łódź Ghetto

**Thaily Viviane André\***

Universidade de São Paulo (USP) | São Paulo, Brasil

thaily.andre@usp.br

**Resumo:** A cidade industrial de Łódź era a segunda mais populosa da Polônia e abrigava a segunda maior comunidade judaica do país quando os nazistas decidiram germanizá-la, segregando os judeus no que se tornou o segundo maior gueto da Polônia ocupada. O gueto de Łódź ficou conhecido pela aparente passividade de seus habitantes, fama que ocasionou a obliteração de episódios de resistência como a greve dos carpinteiros, ocorrida em janeiro de 1941. Esse artigo se propõe a elucidar sobre esta que foi, presumivelmente, a mais relevante greve realizada pelos habitantes do gueto de Łódź demandando melhores condições de vida ao líder judaico, Mordechai Chaim Rumkowski.

**Palavras-chave:** Holocausto. Resistência judaica. Łódź.

**Abstract:** The industrial city of Łódź was the second largest city in Poland and housed the second-largest Jewish community of the country when the Nazis decided to germanise it, segregating their Jews in what became the second-largest ghetto of occupied Poland. The Łódź ghetto became known by the apparent passivity of its inhabitants, fame that brought about the obliteration of resistance as the carpenters' strike in January 1941. This article aims to shed some light on this that was, presumably, the most importante strike held by the inhabitants of the Łódź ghetto demanding better conditions of life to the Jewish leader, Mordechai Chaim Rumkowski.

**Keywords:** Holocaust. Jewish resistance. Łódź.

A cidade de Łódź teve origem no século XV,<sup>1</sup> contudo apenas se desenvolveu a partir de 1781 com a partição da Polônia, quando a cidade deixou de ser controlada pela Igreja Católica e passou a ser controlada pela Prússia protestante. A mudança de domínio trouxe a secularização das terras que até então eram propriedade da Igreja e, conseqüentemente, atraiu muitos migrantes, inclusive judeus.

---

\* Mestranda no Programa de Estudos Judaicos e Árabes na Universidade do Estado de São Paulo (USP).

<sup>1</sup> POLANSKY, 1991, p. 3.



Não obstante, o impulso mais concreto para o desenvolvimento econômico e populacional de Łódź ocorreu durante o período da Monarquia da Polônia ou Polônia do Congresso, como ficou conhecido o país durante o domínio russo,<sup>2</sup> com a escolha da cidade para se tornar um centro industrial. Em 1820, ano em que o ministro da Indústria da Monarquia da Polônia, Stanisław Staszic, designou Łódź para se tornar centro industrial por intermédio de concessões e de ajuda financeira a fim de atrair investidores à região,<sup>3</sup> a cidade contabilizava 767 habitantes.<sup>4</sup> Em 1831, apenas uma década depois, o número de habitantes havia crescido para mais de 4 mil, sendo que no início da década de 1840 a cidade contabilizava impressionantes 17 mil habitantes.<sup>5</sup>

Em menos de um século, a cidade havia se tornado o principal polo industrial da Polônia independente. Em 1939, ano em que o país seria novamente dominado por forças estrangeiras com a invasão alemã de 1º de setembro, “a Manchester da Polônia”, como ficou conhecida a cidade de Łódź, era a segunda mais populosa do país com 672 mil habitantes.<sup>6</sup> Desse total, um terço era composto por judeus, o que tornava a cidade um lar para a segunda maior comunidade judaica do país, apenas atrás da capital Varsóvia, campeã tanto em população geral quanto em população judaica da Polônia.

Uma semana após a invasão da Polônia pelas tropas alemãs que deu início à Segunda Guerra Mundial, Łódź foi surpreendida a 8 de setembro de 1939 pela entrada de soldados da *Wehrmacht* que desfilavam pela principal avenida da cidade, *ulica Piotrkowska*, ostentando bandeiras com a suástica nazista.<sup>7</sup>

Menos de uma semana depois, no dia 13 de setembro, Adolf Hitler desfilou em seu carro pela mesma avenida,<sup>8</sup> sendo seguido por outros líderes nazistas como Heinrich Himmler, chefe da SS, e Joseph Goebbels, Ministro da Propaganda do *Reich*, que visitaram Łódź em 28 de outubro e 2 de novembro, respectivamente.<sup>9</sup> Goebbels

---

<sup>2</sup> A Polônia passou para o domínio russo com o Congresso de Viena, que determinou a partição dos territórios franceses após a queda do Império Napoleônico em 1815. Łódź esteve sob domínio francês entre 1806 e 1815, quando fez parte do chamado Ducado de Varsóvia (SINNREICH citado por FOGEL, 2015, p. 14).

<sup>3</sup> SINNREICH citado por FOGEL, 2015, p. 14.

<sup>4</sup> LÖW, 2010, p. 55.

<sup>5</sup> PÚS citado por POLANSKY, 1991, p. 6.

<sup>6</sup> LÖW, 2010, p. 56.

<sup>7</sup> DOBROSZYCKI, 1984.

<sup>8</sup> HORWITZ, 2010, p. 10.

<sup>9</sup> PODOLSKA, 2004, p. 10.



escreveu em seu diário suas impressões sobre a cidade, a qual chamou de horrorosa, e sobre os seus habitantes, especialmente os judeus, a quem chamou de “animais”.<sup>10</sup>

Com a inclusão de Łódź ao *Reich* em 8 de novembro de 1939, quando a cidade passou a pertencer a parte da Polônia anexada pela Alemanha nazista denominada *Warthegau*, ficou patente que aquela importante cidade industrial precisaria ser germanizada.<sup>11</sup> Esse processo de transformação de uma cidade polonesa decaída para se tornar uma cidade digna de ser chamada alemã contou com algumas etapas, tais como a renomeação da cidade para Litzmannstadt<sup>12</sup> e também das ruas da cidade para nomes alemães, e a contratação de um arquiteto<sup>13</sup> incumbido da tarefa de remodelar a cidade.

Entretanto, a parte primordial em tal processo de germanização era a segregação de sua grande população judaica que denegria a cidade e era propagadora de doenças, segundo defendiam os novos dominadores alemães. A forma encontrada de se conseguir tal objetivo foi o estabelecimento de um gueto que, conforme o seu próprio idealizador, Friedrich Übelhör, presidente do distrito de *Kalisz* ao qual Łódź pertencia, seria apenas uma medida temporária,<sup>14</sup> até que uma outra solução definitiva pudesse resolver a questão dos quase 200 mil judeus da cidade. Afinal, conforme aponta o próprio Übelhör em um memorando secreto, o objetivo final era tornar Łódź *Judenrein* (livre de judeus) ou, utilizando suas próprias palavras, “acabar completamente com esse abcesso pestilento”; a saber, os judeus.<sup>15</sup>

Em 10 de dezembro de 1939, apenas três meses após a conquista de Łódź pelos alemães, foi dado o primeiro passo para a criação do gueto com o memorando assinado por Übelhör que formalizava o estabelecimento de um gueto fechado.<sup>16</sup> Todavia, não era fácil estabelecer um gueto que pudesse comportar quase duas centenas de milhares de judeus, sendo necessária a colaboração de vários departamentos para que tamanho empreendimento fosse possível. Além da

---

<sup>10</sup> HORWITZ, 2010, p. 22.

<sup>11</sup> HORWITZ, 2010, p. 25.

<sup>12</sup> A cidade foi renomeada em 11 de abril de 1940, recebendo seu nome em homenagem ao general Karl Litzmann, considerado responsável pela vitória alemã em uma batalha contra os russos naquela região durante a Primeira Guerra Mundial (HORWITZ, 2010, p. 53).

<sup>13</sup> Wilhem Hallbauer foi escolhido para ocupar o cargo de diretor do Departamento de Construção de Łódź e tinha em suas mãos a difícil tarefa de modernizar a cidade densamente habitada e com sérios problemas de infraestrutura devido ao seu crescimento rápido e desorganizado (HORWITZ, 2010, p. 35).

<sup>14</sup> HORWITZ, 2010, p. 27.

<sup>15</sup> ADELSON, 1989, p. 26.

<sup>16</sup> ADELSON, 1989, p. 23.



administração alemã, que teria que prover o gueto com segurança, alimentos e saúde, as autoridades nazistas de Łódź salientaram a importância da colaboração da liderança judaica neste processo.

A comunidade judaica de Łódź era centenária e bem organizada quando da invasão alemã, que a desestruturou de maneira impactante, a começar pela evasão de seus principais líderes, como de Jakub Minberg e de Leizer Pływacki.<sup>17</sup> Com a vacância da presidência da *Kehilla*, a comunidade judaica de Łódź, um obscuro e polêmico membro do conselho, Mordechai Chaim Rumkowski, diretor de um orfanato e representante no conselho de uma minoria sionista, foi elevado ao cargo maior da comunidade.<sup>18</sup> Rumkowski foi eleito no dia 13 de outubro de 1939 por Albert Leister, comissário civil de Łódź, para ser o *Judenälteste*, ou seja, o ancião da comunidade judaica local, em uma escolha polêmica que até hoje suscita debates sobre o real motivo dessa escolha por parte das autoridades nazistas. Ao fazer esse apontamento, Leister estava cumprindo com uma diretriz dada por Reinhard Heydrich, chefe do Serviço de Segurança do *Reich*, que em 21 de setembro de 1939 divulgou uma norma ordenando o estabelecimento nos territórios ocupados de um conselho de anciões judeus, cuja função seria cooperar com os alemães e cumprir suas ordens.<sup>19</sup>

Enquanto os preparativos para o gueto ainda estavam em andamento, a comunidade judaica local sofria alterações bruscas em suas condições de vida, que variavam de humilhações públicas às quais eram sujeitos judeus que passavam pelas ruas e eram selecionados para tarefas ridículas somente com intenção de rirem-se deles, passando pela obrigação de usar uma estrela amarela a fim de serem distinguíveis do restante da população,<sup>20</sup> até privações econômicas como a confiscação de bens e propriedades pelos alemães e a proibição de se exercerem determinadas profissões.

O anúncio oficial que determinava o estabelecimento do gueto foi divulgado somente em 8 de fevereiro de 1940, quando foi noticiado no jornal oficial local, *Lodscher Zeitung*, e também em cartazes espalhados pela cidade, assinado pelo presidente da

---

<sup>17</sup> Jakub (Lajb) Minberg foi o presidente da comunidade judaica de Łódź entre 1928 e 1939 (WALICKI citado por MACHEJEK, 2015, p. 70-72). Minberg deixou a cidade em 6 de setembro de 1939, com o avanço do exército alemão, deixando aberta uma vaga na presidência da comunidade, que foi preenchida pelo vice-presidente Pływacki, eleito em 12 de setembro, mas que deixou a cidade alguns dias depois, deixando a presidência da comunidade judaica.

<sup>18</sup> HORWITZ, 2010, p. 14.

<sup>19</sup> LÖW, 2010, p. 72.

<sup>20</sup> Em 11 de dezembro de 1939 foi publicada a ordem que estipulava a obrigatoriedade para judeus de usar em suas roupas uma estrela amarela no peito e uma nas costas (SINNREICH citado por FOGEL, 2015, p. 25).



polícia, Johannes Schäfer.<sup>21</sup> Nesse mesmo anúncio, foi divulgado que o gueto seria situado ao norte, em Bałuty, parte mais pobre da cidade e que tinha a maior concentração de judeus. O anúncio ainda apontava para os procedimentos para a transferência de judeus que residiam fora do perímetro determinado para o gueto para dentro dele, e dos poloneses e alemães que residiam dentro do perímetro para outras áreas da cidade.<sup>22</sup>

O deslocamento de milhares de pessoas em direções opostas era uma operação complexa que exigia o envolvimento tanto das autoridades alemãs, sobretudo providenciando policiais para que a ordem fosse respeitada durante a mudança, quanto das lideranças judaicas, que se ocuparam com a tarefa de encontrar apartamentos disponíveis dentro do perímetro do gueto para as dezenas de milhares de pessoas que chegavam com seus parcos pertences,<sup>23</sup> já que os alemães não davam aos judeus tempo suficiente para que pudessem levar todos os seus bens.

Esse longo e complexo processo de estabelecimento de um gueto na grande cidade de Łódź foi finalizado no final de abril de 1940, sendo que o dia 1º de maio se tornou a data oficial do fechamento do gueto, quando este se tornou completamente isolado da parte ariana da cidade, sendo, inclusive, apontado por muitos historiadores como o gueto mais isolado da era nazista. Dentro da cerca que envolvia os seus limites, estavam confinados 163 mil judeus,<sup>24</sup> número calculado em junho de 1940 pelo Departamento de Estatísticas do Gueto.<sup>25</sup>

Com um número elevado de habitantes, se fazia necessário um aparato burocrático que envolvia tanto departamentos controlados pelos alemães, sob a coordenação de Hans Biebow, diretor do *Gettoverwaltung*, a administração alemã do gueto, quanto departamentos controlados pelas autoridades judaicas, monitorados pelo *Judenälteste* Mordechai Chaim Rumkowski. Estes se ocupavam com assuntos cotidianos do gueto, como saúde, moradia, segurança, alimentação e trabalho; sendo este último primordial, uma vez que Łódź foi um gueto que desde o início se caracterizou pelo perfil de gueto de trabalho, aproveitando os milhares de operários capacitados e parte da infraestrutura industrial que Łódź deixou como herança de seus tempos áureos de desenvolvimento industrial aos alemães.

---

<sup>21</sup> DOBROSZYCKI, 1984.

<sup>22</sup> SINNREICH citado por FOGEL, 2015, p. 28.

<sup>23</sup> HORWITZ, 2010, p. 42.

<sup>24</sup> Esse número era bem inferior aos 222 mil judeus (SINNREICH citado por FOGEL, 2015, p. 21) que habitavam em Łódź em 1939 antes do início da guerra, queda resultante das emigrações em massa de judeus que ocorreram após a chegada das tropas alemãs na cidade e dos assassinatos perpetrados pelos alemães nesses meses iniciais de ocupação.

<sup>25</sup> DOBROSZYCKI, 1984.



Por ser isolado do contato com o exterior devido à sua localização geográfica afastada do centro da cidade e por ser intensamente vigiado pela polícia alemã, não havia contrabando de alimentos no gueto de Łódź. Esse isolamento resultou em duas características distintas de Łódź, sobretudo se comparado ao gueto de Varsóvia, onde havia intenso contrabando de alimentos e mesmo de armas com a parte ariana da cidade: a primeira característica a de ser um espaço mais igualitário, no qual as disparidades sociais não eram tão acentuadas como em outros guetos como o de Varsóvia; e a segunda característica a de ser um gueto onde o recebimento de informações do exterior era quase que completamente nulo.<sup>26</sup>

Essas duas características do gueto de Łódź, por sua vez, foram responsáveis pelas condições que iriam culminar com a greve dos carpinteiros; a saber, a fome e a questão da resistência. A fome era o maior problema neste gueto,<sup>27</sup> uma vez que os alimentos eram fornecidos unicamente pelos alemães, já que não havia contrabando. Ademais, esse fornecimento era frequentemente interrompido por longos períodos, nos quais alguns itens, dentre os poucos que eram costumeiramente enviados ao gueto, eram temporariamente suspensos.

A aparente passividade de seus habitantes, que não fizeram nenhum grande movimento de resistência aos alemães como aconteceu em outros guetos, destaque para o Levante do gueto de Varsóvia no qual os judeus pegaram em armas contra os alemães, é justificada por muitos historiadores pela falta de notícias, que teria, por exemplo, dificultado a compreensão do real destino dos deportados. Sem saber sobre o extermínio em curso promovido pelos nazistas e alimentados pelas promessas de Rumkowski em seus frequentes discursos nos quais reafirmava sua crença de que o trabalho traria a salvação e os preservaria da morte, os judeus de Łódź acabaram por escolher resistir à morte por intermédio do seu trabalho do que pegando em armas, as quais inclusive não tinham acesso pela falta de contato com o exterior.

A fome constante que assombrava os habitantes era agravada nos longos invernos poloneses, e o primeiro inverno do gueto foi especialmente cruel para seus habitantes. Na virada de 1940 e 1941, as temperaturas congelantes agravaram as condições de vida no gueto, uma vez que a esmagadora maioria das residências do gueto não tinha aquecimento, o que fazia com que pessoas congelassem em suas casas ou na rua.<sup>28</sup> Para agravar, houve em janeiro um corte na distribuição de carvão para a população, item imprescindível para aquecimento dos lares e fábricas, mas igualmente para cozimento dos alimentos.<sup>29</sup>

---

<sup>26</sup> GUTMAN citado por TRUNK, 2008.

<sup>27</sup> GUTMAN citado por TRUNK, 2008.

<sup>28</sup> HORWITZ, 2010, p. 114.

<sup>29</sup> TRUNK, 2008, p. 124.



Nos dias 11 e 12 de janeiro, demonstrações populares haviam ocorrido no gueto exigindo um aumento no fornecimento de alimento e de carvão em vários pontos do gueto. A Polícia de Ordem do gueto foi chamada quando os demonstrantes tentaram saquear carroças que transportavam alimentos para o gueto, restaurando a ordem na noite do dia 12.<sup>30</sup>

A fome e o frio desse início de 1941 fizeram com que Rumkowski, em uma tentativa desesperada de aliviar as condições de vida dos habitantes do gueto, aumentasse no final de janeiro a quantidade semanal de pão racionada para a população. O anúncio foi divulgado no dia 21 de janeiro, determinando que a mudança começaria a valer a partir de 24 de janeiro, o que trouxe “uma universal e intensa satisfação entre as massas famintas que habitam o gueto”.<sup>31</sup> As estatísticas realizadas pela Administração do gueto apontavam um crescimento no número de mortes em dezembro e janeiro devido ao frio e à inanição.

Além disso, a fome era um dos principais motivos de insatisfação na população,<sup>32</sup> o que o presidente do gueto queria evitar com medo de revoltas no gueto. Contudo, a intenção de aumentar a quantidade de pão esbarrava em um empecilho, pois, como continuava recebendo dos alemães a mesma quantidade de pão, o *Judenälteste* teve que tirar esse pão extra de algum lugar; no caso, dos trabalhadores, o que foi o estopim da greve.

É importante frisar que os operários que realizavam trabalhos considerados intensos, como os carpinteiros, recebiam uma porção extra, que podia chegar a 500 gramas de pão diárias, como um suplemento para as 300 gramas diárias que recebiam os demais habitantes do gueto.<sup>33</sup> O que Rumkowski fez foi tirar essa regalia, passando, dessa forma, a oferecer a todos os habitantes do gueto uma porção diária de pão de 400 gramas, o que aumentaria em 100 gramas a alimentação da população em geral, aliviando um pouco a fome nesse intenso inverno. Por outro lado, era uma perda terrível para os operários que deixariam de receber de 600 a 800 gramas diárias e passariam a receber somente 400 gramas para um dia intenso de trabalho pesado.

Essa regalia aos trabalhadores foi ofertada após inúmeros casos de desmaio nas fábricas devido à fraqueza e exaustão, tão comuns em operários que trabalhavam cerca de 12 horas por dia sem condições adequadas de trabalho como aquecimento e ainda por cima subnutridos e fracos. O auxílio aos trabalhadores começou com a concessão de 300 gramas suplementares diárias de pão, depois elevadas a 500

---

<sup>30</sup> DOBROSZYCKI, 1984, p. 5.

<sup>31</sup> DOBROSZYCKI, 1984, p. 13.

<sup>32</sup> HORWITZ, 2010, p. 115.

<sup>33</sup> TRUNK, 2008, p. 114.



gramas, o que fez com que os desmaios que eram tão recorrentes<sup>34</sup> nas fábricas quase que cessassem.<sup>35</sup>

Considerando-se desfavorecidos com esse corte no pão suplementar e temerosos com a perspectiva do agravamento da fome, os operários decidiram fazer uma greve, na qual exigiam, além do retorno do pão suplementar e de uma sopa diária a ser recebida na oficina, um aumento de salário.<sup>36</sup> Suas exigências foram levadas até Rumkowski, que recusou negociar a volta do pão extra e do pagamento do salário em alimento, mas concordou em estudar um aumento de salário para essas categorias.<sup>37</sup> Enquanto isso, o *Judenälteste* ordenou para que os operários retornassem ao trabalho, ao que esses se negaram, dando início à greve.

Essa é uma greve cujos detalhes podemos conhecer graças ao trabalho do arquivista Josef Zerkowicz, o qual, além de trabalhar oficialmente no Arquivo do gueto<sup>38</sup> coletando informações e documentos, ainda mantinha um diário no qual reportava, de maneira mais livre, os acontecimentos. Zerkowicz afirma que essa foi a maior e mais importante greve contra as determinações de Rumkowski, organizada principalmente por operários de inclinação política de esquerda.<sup>39</sup>

---

<sup>34</sup> No outono de 1940, a produtividade das fábricas do gueto caiu como consequência da fome. Um exemplo de como a fome afetava a produtividade foi o fechamento, durante os dias 1 e 2 de dezembro, de uma fábrica que empregava quase 400 judeus, em decorrência da exaustão da força de trabalho (HORWITZ, 2010, p. 109). No dia 3 do mesmo mês, em outra fábrica, 20 alfaiates desmaiaram devido à fraqueza.

<sup>35</sup> ZELKOWICZ, 2002, p. 221.

<sup>36</sup> Os carpinteiros, que recebiam 30 pfennings por hora, exigiam um aumento de 20 para os trabalhadores especializados e 10 para os trabalhadores comuns e aprendizes, além do pagamento de metade do salário em forma de alimentos, uma vez que o que recebiam em dinheiro era pouco para comprar a comida que os cupons davam direito (ZELKOWICZ, 2002, p. 206).

<sup>37</sup> ZELKOWICZ, 2002, p. 207.

<sup>38</sup> O Arquivo do Gueto foi criado em 17 de novembro de 1940 com a função de coletar documentos oficiais sobre o gueto e informações sobre número de habitantes, de doentes, de casos de suicídio e da quantidade de alimento recebida pelos alemães (PODOLSKA, 2004, p. 16). O Arquivo era permitido pelas autoridades alemãs e contava com aproximadamente uma dezena de membros, dentre eles Josef Zerkowicz. Não obstante, em uma iniciativa de Henryk Neftalin, responsável pelo Departamento de Estatística e pelo Arquivo do gueto, teve início a Crônica do Gueto que intencionava escrever uma história do gueto para a posteridade, fornecendo aos futuros estudiosos da sociedade judaica uma fonte sobre a vida dos judeus de Łódź em um de seus mais difíceis períodos (DOBROSZYCKI, 1984).

<sup>39</sup> ZELKOWICZ, 2002, p. 205.





Paralelo às anotações pessoais de Zelkowicz, a Crônica do Gueto descrevia os eventos de forma oficial e, por conseguinte, mais restringida em seu relato, uma vez que Rumkowski tinha acesso a tudo o que era escrito pelos arquivistas do gueto. Nas entradas dos dias 21 ao dia 31 de janeiro de 1941, a Crônica indica o transcorrer dos eventos que se passaram desde o anúncio de Rumkowski do corte do pão aos trabalhadores a fim de aumentar a quantia do alimento para a população em geral até o retorno dos carpinteiros ao trabalho.<sup>40</sup>

A greve começou no dia 23 de janeiro de 1941, um dia antes da data estipulada pelo presidente do gueto para começar a valer a mudança de pão para a população e para os trabalhadores. Nesta manhã, os operários do Primeiro Departamento do *ressort* (como eram chamadas as fábricas do gueto) de carpintaria situada no número 12 da rua Drukarska chegaram ao trabalho pela manhã e, após ouvirem a negativa de Rumkowski de ceder nas suas exigências, expostas a ele pelo gerente da carpintaria, Sr. Freund,<sup>41</sup> deram início à greve. Ainda na parte da manhã o Sr. Freund ligou para Rumkowski que, após ter negado a maioria dos itens da agenda dos carpinteiros, afirmou que aqueles que quisessem voltassem ao trabalho e os que se não quisessem trabalhar voltassem às suas casas.<sup>42</sup>

O gerente comunicou aos operários a decisão do *Judenälteste*, quando aproximadamente 200 deles pegaram suas ferramentas e foram até o Segundo Departamento do *ressort* de carpintaria, situado no número 3 da rua Urzednicza, a fim de discutir a situação com os operários daquela oficina. A polícia judaica, alertada sobre a movimentação dos carpinteiros, chegou ao local liderada pelo seu chefe Rosenblatt e pelo inspetor oficial da polícia Frankel. A polícia aguardou do lado de fora da oficina enquanto Frankel entrou sozinho para tentar convencer os carpinteiros a deixarem a fábrica livremente, dando um prazo de cinco minutos para fazê-lo. Os operários mais idosos que trabalhavam no piso térreo do prédio da carpintaria deixaram o local, mas os trabalhadores do piso superior da oficina se recusaram a sair, fazendo uma barricada na porta do segundo andar. A Unidade de Assalto da Polícia Judaica recebeu ordens de Rumkowski de tirá-los de lá à força,<sup>43</sup> se necessário, usando seus bastões de borracha, que eram a única arma que eram autorizados a usar.

Uma vez que a polícia conseguiu adentrar o prédio, mais uma vez foi dado um prazo de cinco minutos para que os operários deixassem o prédio livremente, ordem que foi aderida por poucos e descumprida pela maioria, que começou a atirar pedaços de madeira e ferramentas nos policiais. O conflito entre a polícia judaica e os

---

<sup>40</sup> DOBROSZYCKI, 1984, p. 13-21.

<sup>41</sup> ZELKOWICZ, 2002, p. 206.

<sup>42</sup> ZELKOWICZ, 2002, p. 207.

<sup>43</sup> TRUNK, 2008, p. 327.



carpinteiros ocorreu por quase meia hora até que os policiais conseguissem controlar os grevistas e esvaziar o prédio, deixando homens dos dois lados do conflito feridos.<sup>44</sup> Os grevistas ainda protestaram na rua em frente à oficina, mas foram dispersados pela polícia após aproximadamente um quarto de hora, quando a paz foi restaurada no gueto, conforme aponta a Crônica do Gueto.<sup>45</sup>

Toda a operação envolveu entre sessenta a setenta policiais e um total de 30 a 40 minutos desde a chegada da polícia até que esta pudesse controlar e retirar os grevistas da oficina, cujo número totalizava mais de 300 carpinteiros, segundo estimativa do comandante Rosenblatt.<sup>46</sup> A Crônica do Gueto estima em 350 os grevistas, o equivalente à metade dos operários da oficina.<sup>47</sup>

No dia imediato, 24 de janeiro de 1941, cada oficina e fábrica do gueto amanheceu com um cartaz afixado em sua entrada, escrito em alemão e assinado por Rumkowski. O *Judenälteste* mencionava os eventos ocorridos no dia anterior e comunicava que, por ter ouvido rumores de que acontecimentos similares estavam planejados para ocorrer em outras fábricas, decidiu fechar temporariamente todas as fábricas, prevenindo assim tumultos, o que era a sua tarefa perante os dominadores alemães, que o incumbiram de manter a ordem interna no gueto.<sup>48</sup>

Rumkowski enfatizou em seu anúncio que esses eventos do dia anterior haviam sido provocados por pessoas vis e irresponsáveis e que poderia se utilizar de prisões a fim de restituir a paz no gueto, tarefa essa que era primordial para ele. Sustentava, ainda, que continuaria a fazer tudo a seu alcance para prover a população com comida de forma “mais regular e plena possível”, mas que inúmeros fatores como o tempo e dificuldades de transporte dificultavam essa tarefa de suprir o gueto com alimentos.<sup>49</sup> Devido às ocorrências do dia anterior, a Polícia de Ordem do gueto decretou um estado de alerta emergencial no gueto que permaneceu ao longo daquela sexta-feira, dia 24 de janeiro, e no final de semana, quando muitas oficinas funcionavam. O alerta permaneceu ao longo da semana seguinte enquanto as fábricas permaneciam fechadas sem, contudo, ocorrer nenhum episódio de “perturbação da paz do gueto”.<sup>50</sup>

Ao lado do anúncio do *Judenälteste* foram afixados anúncios assinados por um grupo de carpinteiros, que explicavam à população do gueto quais eram as suas demandas, salientando que foram rejeitadas por Rumkowski. Acrescentam ainda que o líder

---

<sup>44</sup> ZELKOWICZ, 2002, p. 208.

<sup>45</sup> DOBROSZYCKI, 1984, p. 14.

<sup>46</sup> ZELKOWICZ, 2002, p. 212.

<sup>47</sup> DOBROSZYCKI, 1984, p. 14.

<sup>48</sup> ZELKOWICZ, 2002, p. 210.

<sup>49</sup> DOBROSZYCKI, 1984, p. 15).

<sup>50</sup> DOBROSZYCKI, 1984, p. 16-17.



judeu chamou seus “bandidos” para agredir dezenas de operários, atitude que adicionava mais um crime à “coleção de delitos e ações vergonhosas de Rumkowski”.<sup>51</sup> Os grevistas finalizavam seu cartaz pedindo que os habitantes do gueto expressassem seu protesto e seu ressentimento para com o *Judenälteste*.

Zelkowicz, sempre movido por seu espírito investigativo, prudentemente decidiu entrevistar diferentes partes envolvidas na greve para poder se assegurar da veracidade dos fatos e entender os diversos discursos dos envolvidos. Entre os entrevistados estavam o gerente do Primeiro Departamento de carpintaria, Sr. Freund; o policial Levy Gliksman; o inspetor e oficial da Polícia Judaica, Frenkel; o comandante da Polícia Judaica, Rosenblatt; e os próprios grevistas.

Desses diversos relatos que ouviu das testemunhas, Zelkowicz notou algumas mudanças, como de qual lado partiu as agressões, se dos grevistas ou dos policiais judeus, e outros detalhes menores, que não chegavam a alterar o panorama do que se passou na oficina de carpintaria da rua Urzednica naquele dia 23 de janeiro. Ademais, a Polícia Judaica divulgou um relato oficial sobre o episódio, o qual Zelkowicz teve acesso e transcreveu em suas anotações pessoais a fim de compará-los com os relatos por ele ouvidos.<sup>52</sup>

Prática comum no gueto, boatos e rumores circulavam entre os habitantes sobre os eventos da greve, dentre eles o de que Rumkowski teria concordado com alguns dos pedidos dos carpinteiros e que teria lhes garantido uma sopa diária e 300 gramas de pão extra.<sup>53</sup> Outro rumor dizia que um dos carpinteiros havia morrido devido às agressões sofridas durante o conflito com a Polícia Judaica.<sup>54</sup> Entretanto, tais rumores eram falsos, como ocorria com a maior parte dos boatos que de tempos em tempos eram tópicos de conversa do gueto.

No dia 28 de janeiro, a greve continuava no Primeiro e Segundo Departamento de carpintaria, motivando o *Judenälteste* a divulgar um novo anúncio, no qual prometia a todos os trabalhadores das fábricas e oficinas que estavam “trabalhando de fato” cupons especiais para uma segunda distribuição de alimentos para a semana, composta por 580 gramas de carne, quase uma raridade no gueto, e dois quilos de batatas. A entrega dos cupons extras iria começar no dia 31 de janeiro, quando os gerentes das oficinas distribuiriam os cupons entre os seus operários. Zelkowicz comenta em suas anotações que essa concessão de Rumkowski aos operários que estavam trabalhando no momento era uma tentativa de persuadir os grevistas a retornar aos seus postos, a fim de se beneficiarem com a entrega dos cupons extras.

---

<sup>51</sup> ZELKOWICZ, 2002, p. 214.

<sup>52</sup> ZELKOWICZ, 2002, p. 217.

<sup>53</sup> ZELKOWICZ, 2002, p. 217.

<sup>54</sup> ZELKOWICZ, 2002, p. 214.



A estratégia de Rumkowski era altamente persuasiva, como salienta o arquivista, uma vez que a fome daquele inverno estava castigando os habitantes do gueto. Contudo, os grevistas alegaram que não haviam sido convidados para nenhuma reunião com o presidente e que somente eram convidados carpinteiros que se mostravam favoráveis ao presidente. Em uma dessas reuniões fechadas, segundo rumores, o presidente do gueto teria sugerido aos grevistas que, em troca do retorno do pão suplementar aos trabalhadores, os operários assinassem um documento no qual diziam concordar em retirar o suplemento de 100 gramas de pão concedido à população em geral em troca da volta da sua porção extra. Os carpinteiros teriam se negado a tomar para si essa culpa pelo agravamento da fome de uma população já tão castigada. Todavia, em entrevista com outras partes envolvidas, como com instrutores das oficinas, Zelkowicz ouviu que tal sugestão por parte de Rumkowski era somente um boato e, portanto, infundado.<sup>55</sup>

Um dos instrutores entrevistados, Sr. Cytrynowicz, afirmou que Rumkowski não aceitou nenhuma proposta de diminuição da quantia de pão ofertada à população em geral em favor de uma quantia maior de pão aos operários de trabalhos mais intensos, pois alegava que o gueto todo havia se transformado em um grande campo de trabalho e que, portanto, não podia privilegiar ninguém.<sup>56</sup> Sobretudo porque priorizar um grupo de judeus sobre outro seria abrir precedentes para que os alemães fizessem o mesmo com os judeus do gueto, selecionando um grupo de favorecidos em detrimento do resto da população, piorando ainda mais suas condições de vida.

Zelkowicz afirma que não era necessário um grande esforço de convencimento para os grevistas retornarem ao trabalho, pois que, segundo os instrutores das fábricas com quem havia conversado, os operários sabiam que enquanto não trabalhassem não receberiam seu pagamento, impossibilitando, dessa maneira, a aquisição de alimentos aos quais tinham direito pelos cupons.<sup>57</sup> Apesar de os carpinteiros admitirem que seria difícil retornar ao trabalho sem a sua quantidade de pão extra, mais difícil ainda seria ficar sem sustento algum e, portanto, a única alternativa que possuíam era retornar ao trabalho.

Contudo, havia um empecilho ao retorno dos grevistas às oficinas, que era o fechamento das mesmas, estabelecido por Rumkowski no dia imediato ao confronto dos grevistas com a Polícia Judaica. Para tanto, os grevistas precisavam agora convencer o *Judenälteste* a reabrir as carpintarias e permitir aos seus operários retornar a seus postos. Nem todos queriam retornar ao trabalho, sendo que alguns grevistas mais radicais chegavam a escrever nas paredes do gueto ordens para que os

---

<sup>55</sup> ZELKOWICZ, 2002, p. 220.

<sup>56</sup> ZELKOWICZ, 2002, p. 222.

<sup>57</sup> ZELKOWICZ, 2002, p. 221.



operários não retornassem ao trabalho, pois que seria impossível trabalhar sem pão e sem um aumento de salário.<sup>58</sup>

No dia 30 de janeiro, uma quinta-feira, quando fazia exatamente uma semana desde o início da greve, foram reabertas as oficinas fechadas e muitos dos operários começaram a retornar ao trabalho, o que fez com que a Polícia de Ordem suspendesse o estado de alerta no qual havia colocado o gueto desde a sexta-feira anterior. Os grevistas mais exaltados condenavam os que voltavam ao trabalho e faziam piquetes próximos as entradas das oficinas, tentando convencer os operários para retornarem aos seus lares, a fim de manter a greve, mas não obtiveram muito sucesso, pois que, na prática, a greve havia terminado.<sup>59</sup>

Uma assembleia de carpinteiros foi organizada dois dias depois, no dia 1 de fevereiro, a fim de decidirem conjuntamente se iriam acabar com a greve. Ficou decidido na assembleia que a greve havia acabado e que todos deveriam voltar ao trabalho.<sup>60</sup> No dia imediato, todas as fábricas do gueto operavam em sua normalidade. Assim terminava a mais representativa greve do gueto de Łódź, sem nenhuma conquista concreta por parte dos grevistas, que apenas pediam ligeiras melhorias em suas precárias condições de vida.

Gordon Horwitz, historiador do gueto de Łódź, assinala que Rumkowski havia triunfado ao conseguir colocar um fim rápido à greve sem ceder, o que ainda trazia o benefício de mostrar aos alemães seu controle sobre a população do gueto e sua capacidade de manter a ordem interna.<sup>61</sup> Isaiah Trunk, outro importante historiador do gueto, afirmou que, na competição de poder entre Rumkowski e os operários que faziam oposição ao presidente do gueto, a vitória ficou com o *Judenälteste*.<sup>62</sup>

A partir desses comentários, pode-se perguntar por que motivo a disputa havia ocorrido entre Rumkowski e os operários, e não entre estes e os alemães, uma vez que eles eram os verdadeiros responsáveis pela falta de alimentos no gueto, já que eram os seus únicos fornecedores ao gueto. Em outras palavras, por qual razão em Łódź os movimentos de resistência, como os protestos ocorridos nos dias 11 e 12 exigindo mais comida e a greve dos carpinteiros ocorrida entre 23 e 30 de janeiro de 1941, tiveram como alvo de insatisfação e reclamação Mordechai Chaim Rumkowski, o líder judeu do gueto, e não as autoridades alemãs como Hans Biebow.

Afinal, Rumkowski podia estar numa posição de liderança naquele momento; contudo, aos olhos dos nazistas, era apenas mais um judeu que deveria obedecer suas ordens enquanto pudessem lucrar com a sua existência, mas que era

---

<sup>58</sup> ZELKOWICZ, 2002, p. 224.

<sup>59</sup> TRUNK, 2008, p. 328.

<sup>60</sup> ZELKOWICZ, 2002, p. 231.

<sup>61</sup> HORWITZ, 2010, p. 116.

<sup>62</sup> TRUNK, 2008, p. 328.



completamente descartável a qualquer momento. O *Judenälteste* teve o mesmo fim dos seus subordinados; a saber, os trens que deixaram o gueto liquidado em agosto de 1944 rumo a Auschwitz e às suas mortes nas câmaras de gás.

Trunk argumenta que Rumkowski se tornara o principal alvo das insatisfações dos habitantes do gueto devido a uma estratégia alemã.<sup>63</sup> Os alemães, buscando se beneficiar em cada oportunidade, concederam a Rumkowski um poder inigualável em comparação com anciões de outros guetos e aparentemente ilimitado de forma providencial. O presidente do gueto era o único poder visível para a maior parte da população, que acreditava que todas as ordens e diretrizes partiam somente de sua pessoa, o que imediatamente o tornou o único alvo da insatisfação e o principal responsável por todos os problemas do gueto, como a fome e as péssimas condições de vida.

O especialista no gueto de Łódź, o historiador Michael Unger, enfatiza que enquanto Rumkowski se comprazia com o poder recebido pelos alemães e não consultava ninguém ao tomar decisões, esse poder era, na realidade, um pseudo-poder.<sup>64</sup> As autoridades nazistas propositalmente faziam com que o poder concedido a ele parecesse total a ele próprio e também aos “seus” judeus para que, dessa forma, ele fosse o alvo principal de descontentamento e o único culpado pelo sofrimento enfrentado pelos habitantes do gueto. Dessa forma, esses habitantes esqueciam que, por trás dele, estavam os líderes alemães, de onde efetivamente partiam as ordens que este apenas transmitia, e por esse motivo não teriam feito resistência aos alemães.

A socióloga Rachel Einwohner analisou a resistência de três grandes guetos da era nazista, a saber, os de Varsóvia, Łódź e Vilna (2009), levantando hipóteses do motivo pelo qual esses três guetos divergiram em suas reações ao opressor alemão. Nessa análise, a autora afirma que não houve nenhum movimento de resistência contra os alemães, apenas protestos e greves direcionadas contra Rumkowski, e que isso se devia a “ignorância estrutural” de seus habitantes. Ela lembra que a maioria dos judeus de Łódź não sabia o que estava acontecendo em outros guetos, ou seja, que um extermínio dos judeus estava em curso em toda a Europa.

Essa ignorância era decorrente do isolamento e da falta de contato com o exterior, que existia em outros guetos como no de Varsóvia por intermédio de contrabando ou mesmo trabalhando na parte ariana da cidade, o que não acontecia em Łódź.<sup>65</sup> Sem contato com o exterior, os habitantes desse gueto ignoravam o tamanho de sua tragédia, enxergando apenas a dura realidade que enfrentavam no gueto com as precárias condições de vida oferecidas por Rumkowski, e não a percebendo como

---

<sup>63</sup> TRUNK, 2008, p. 402.

<sup>64</sup> UNGER, 2010, p. 33.

<sup>65</sup> EINWOHNER, 2009, p. 419.



uma pequena parte de um grande genocídio que intentava eliminar os judeus de todo o continente europeu.

Assim sendo, Einwohner conclui que, desconhecendo o extermínio dos judeus em outras partes da Europa, os judeus de Łódź não podiam saber que tal destino os esperava. Consequentemente, seus esforços de resistência eram direcionados às condições internas de vida no gueto, não havendo, portanto, resistência contra as autoridades alemãs. A autora finaliza seu artigo defendendo que o “conhecimento é importante na emergência de resistência coletiva” e que, portanto, no caso dos guetos a resistência armada dependia do conhecimento do genocídio.<sup>66</sup> A autora define dessa forma a diferença que existiu no comportamento dos habitantes dos três guetos analisados em relação aos opressores alemães: “[...] resistência foi planejada quando e onde os judeus estavam cientes de que eram alvos de extermínio, e não foi planejada onde os judeus desconheciam esse destino”.<sup>67</sup>

A psicóloga Larissa Tiedens concorda com a análise sociológica de Einwohner em seu artigo no qual analisa a relação entre otimismo e revolta nos casos do gueto de Łódź e de Varsóvia. Tiedens argumenta que foi o otimismo, motivado pela crença de que conseguiriam sobreviver à guerra por intermédio da utilidade de seu trabalho, o principal responsável pela “passividade” dos judeus de Łódź. Motivados pela esperança no futuro, os habitantes desse gueto não se revoltaram, se segurando à possibilidade plausível de sua sobrevivência. Se a revolta contra os poderosos alemães era morte certa, preferível era trabalhar, mesmo que nas piores condições, e sobreviver.<sup>68</sup>

Enquanto isso, os habitantes do gueto de Varsóvia, recebendo notícias de extermínios que estavam acontecendo em todos os lugares da Europa, perderam a esperança na sobrevivência e no futuro.<sup>69</sup> Certos de que sua morte era iminente, os judeus de Varsóvia tinham apenas uma decisão a tomar, a saber, a opção de morrer de forma passiva em Treblinka ou lutando corajosamente contra o inimigo alemão.<sup>70</sup>

Einwohner ainda acrescenta outro motivo que teria desencorajado os judeus de Łódź a resistirem, que era a existência das fábricas e a crença salvação pelo trabalho, encorajada de forma contínua por Rummowski. As fábricas tinham o poder de aumentar a ignorância dos habitantes do gueto a respeito da gravidade de sua situação e lhes dava a falsa esperança de que o seu trabalho poderia ser de fato valioso aos alemães, que em contrapartida os permitiam continuar a viver.<sup>71</sup>

---

<sup>66</sup> EINWOHNER, 2009, p. 419.

<sup>67</sup> EINWOHNER, 2009, p. 419.

<sup>68</sup> TIEDENS, 1997, p. 64.

<sup>69</sup> TIEDENS, 1997, p. 51.

<sup>70</sup> TIEDENS, 1997, p. 55-56.

<sup>71</sup> EINWOHNER, 2009, p. 421.



Einwohner defende ainda um último argumento plausível de explicar a “passividade” dos habitantes do gueto de Łódź, que seria o que chama de “ignorância cultural”.<sup>72</sup> Tal conceito representaria aquela negação de acontecimentos que pareceriam cruéis demais para serem verdadeiros. Em Łódź algumas notícias haviam de fato chegado ao gueto sobre extermínio em massa em campos de extermínio e em guetos vizinhos, mas os habitantes se recusavam a dar credibilidade ao que consideravam somente como rumores, tão comuns no gueto. Era uma ignorância cultural, pois que se baseava na experiência trazida pela própria história dos judeus, povo que sempre enfrentou perseguições e dificuldades, mas que no final sempre conseguia sobreviver e superar mesmo as mais difíceis situações.

Zelkowicz, em suas anotações pessoais, comenta sobre a reação dos habitantes do gueto com as deportações de setembro de 1942, nas quais as principais vítimas eram as crianças, idosos e doentes do gueto. Uma das reações comuns, apesar do sofrimento, era a afirmação de que situações como essas já haviam sido vivenciadas na história do povo judeu, que no fim era salvo no último minuto.<sup>73</sup> Era a vitória da esperança, vencendo o medo e mesmo a percepção da realidade.

Em relação a esses comentários sobre uma situação tão trágica que todos no gueto, sem distinção, estavam vivendo, na qual pais se despediam para nunca mais ver de seus filhos pequenos, e adultos se despediam de seus pais idosos, Zelkowicz desabafa:

O gueto está se comportando de maneira estranha. As pessoas já ouviram tantos rumores bons e ruins e deveriam saber por experiência que os bons rumores nunca se concretizaram. A vida no gueto nunca melhora, ela só fica pior. Todos os maus rumores, contudo, se provaram perfeitamente verdadeiros. Mas as pessoas preferem ouvir as boas notícias, mesmo que relacionadas a um futuro distante, do que ouvir a malevolência que reside no meio de nós agora... Os habitantes permitem que os lógicos e otimistas os anestesiem com suas cantigas de ninar e eles vão para o seu trabalho diário nos *ressorts*”.<sup>74</sup>

Em suas notas de rodapé, Einwohner ainda lembra que a extrema fome vivenciada pelos habitantes do gueto de Łódź os tornou menos capazes de resistir, mesmo se tivessem armas disponíveis. Ou seja, a tática dos nazistas de diminuir a resistência e mesmo a vontade de sobreviver ao confinar judeus em guetos isolados, provendo-os com as mínimas condições de sustento e fornecendo alimentos em pouquíssima

---

<sup>72</sup> EINWOHNER, 2009, p. 410.

<sup>73</sup> ZELKOWICZ, 2002, p. 267.

<sup>74</sup> ZELKOWICZ, 2002, p. 267.





quantidade e de má qualidade, e deixando seus habitantes sujeitos a todos os tipos de doenças contagiosas sem um aparato médico adequado, surtiu efeito.

Se protestos e greves como os citados no presente artigo ocorreram no primeiro ano de existência do gueto de Łódź, quando ainda havia alguns núcleos de oposição a Rumkowski, a tendência foi a diminuição de tais sinais de resistência. Os números mostram o que aconteceu ao longo dos anos, que foi um aumento do número de mortes resultante de inanição e doenças ano a ano. Se em 1940, primeiro ano do gueto, 3 por cento dos habitantes morreram por essas causas, em 1941 já havia subido para quase 10 por cento dos habitantes, e em 1942 atingia 15 por cento da população judaica da cidade.<sup>75</sup>

Conforme a fome ia agravando a situação dos habitantes do gueto e os enfraquecendo cada vez mais, também enfraquecia sua vontade de lutar e resistir. A fraqueza física também enfraqueceu a resistência mental dos judeus de Łódź, sobretudo por ter sido este o gueto mais longo da era nazista. Durante mais de 4 anos, os habitantes desse gueto apenas tentaram sobreviver, juntando todas as suas forças para continuar trabalhando e, assim, conseguindo alimento para viver mais um dia e poder chegar ao fim da guerra, seja qual fosse o lado vitorioso.

Um exemplo patente dessa mudança de comportamento por parte dos habitantes do gueto foi o do jovem Dawid Sierakowiak. Sierakowiak começou a escrever um diário em junho de 1939, quando estava prestes a completar 15 anos, e terminou de escrever em abril de 1943, morrendo algum tempo depois, com 19 anos incompletos. Nesse período no qual escreveu, o jovem judeu conseguiu relatar todos os acontecimentos que envolveram Łódź desde a conquista da cidade pelos alemães até a formação e sobrevivência do gueto. Idealista por identidade, conhecedor de vários idiomas e autodidata com inclinações políticas à esquerda, Sierakowiak participou de reuniões clandestinas organizadas por grupos juvenis de resistência nos primeiros meses do gueto. Porém, com o passar do tempo foi perdendo a esperança e a motivação, e a única coisa que animava o seu espírito combalido era a notícia de uma nova remessa de alimentos ou a oportunidade de um emprego que lhe garantisse melhores condições de vida.

Se, nos primeiros momentos, Sierakowiak tentava ler e se preparar para o futuro que almejava criar depois do fim da guerra, depois seu mal-estar geral e fraqueza o impediam de ler. Mesmo resistindo para não se entregar ao desânimo e se esforçando para continuar a ler, escrever e lutar por seu povo, fica claro em seu diário que a realidade era uma carga maior do que sua fortaleza de espírito. Era o peso de anos de privações que começavam a impedir seu corpo emaciado de continuar.

Um exemplo é a frase que escreveu em seu diário no dia 7 de maio de 1942, ao comentar sobre cupons extras que haviam sido entregues a médicos e pessoas do alto

---

<sup>75</sup> TIEDENS, 1997, p. 46.



escalão da administração judaica do gueto, quando afirma: “As divisões sociais no gueto estão ficando cada vez mais escandalosas. Mas estamos em tal estado de exaustão que, agora, eu compreendo o que significa não ter forças nem para se queixar, quanto mais protestar”.<sup>76</sup>

Em outra entrada do diário, datada de 11 de agosto de 1942, Siwrakowiak resume o estado de espírito dos habitantes do gueto, que se equilibravam entre o desespero de sua condição e a esperança de sobreviver:

Passa dia após dia. Compram-se rações, come-se a pouca comida que há nelas, morre-se de fome enquanto se come e, depois disso, fica-se na espera obstinada, contínua e inabalável até o fim desta guerra maldita, demoníaca; a oficina, a casa, as refeições, a leitura, as noites com percevejos e baratas, e tudo de novo sem fim, constantemente perdendo força, com eficiência decrescente de corpo e alma. Ficamos sonhando, esperando e contando sempre com os mesmos resultados negativos violando todos os cálculos e suposições possíveis. Estamos lutando para sobreviver até a libertação, meta essa tão ilusória quanto um fantasma.<sup>77</sup>

Concluindo o presente artigo, não pretendo dar uma resposta fechada ao motivo da passividade dos habitantes do gueto de Łódź perante os opressores nazistas. Apenas pretendo trazer à luz a coragem desses homens e mulheres que, apesar de não terem feito nenhum movimento de resistência armada como ocorreu em 1943 no gueto de Varsóvia, lutaram para sobreviver. Sua luta pode não ter entrado para a história da maneira honrosa e corajosa como ocorreu com os envolvidos no Levante de Varsóvia, mas nem por isso pode ser desprezada.

Afinal, foi uma luta diária a de levantar e decidir trabalhar para conseguir sobreviver mais um dia, e dia após dia chegar ao fim da guerra, para enfim ver que a humanidade venceria a opressão, como havia acontecido tantas vezes na história do povo judeu. Infelizmente, para a maioria dos judeus de Łódź, eles não puderam sobreviver para ver sua esperança se concretizar. Talvez foi justamente a esperança que eles tinham, sua fé no futuro e na humanidade, que pode ter impedido com que entrassem para a história como heróis e lutadores. Todavia, não seria sobreviver e decidir pela vida uma grande demonstração e coragem e uma grande honra, sobretudo em tempos tão negros e desesperançosos como aquele? Deixo a provocação para posteriores estudos que possam acrescentar, além da análise histórica, elementos da Sociologia e Psicologia, pois que essa análise só pode ser feita

---

<sup>76</sup> SIERAKOWIAK, 1997, p. 212.

<sup>77</sup> SIERAKOWIAK, 1997, p. 256.



dentro de uma visão abrangente que possa englobar diferentes pesquisas e especialidades.

## Referências

ADELSON, Alan; LAPIDES, Robert. *Łódź Ghetto: inside a community under siege*. New York: Viking Penguin, 1989.

ADELSON, Alan. *O diário de Dawid Sierakowiak: a visão do Holocausto por um jovem do gueto de Łódź*. Trad. Reinaldo Guarany. Rio de Janeiro: Record, 1997.

DOBROSYCKI, Lucjan. *The chronicle of the Łódź Ghetto, 1941-1944*. Connecticut: Yale University Press, 1984.

EINWOHNER, Rachel L. The Need to Know: Cultured Ignorance and Jewish Resistance in the Ghettos of Warsaw, Vilna, and Łódź. *The Sociological Quarterly*, Fort Collins, v. 50, issue 3, p. 407-430, 2009. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1111/j.1533-8525.2009.01146.x>>. Acesso em: 29 ago. 2017

FOGEL, Heniek. *A hidden diary from the Łódź ghetto, 1942-1944*. Jerusalem: Yad Vashem, 2015.

HORWITZ, Gordon. *Ghettostadt: Łódź and the making of a nazi city*. Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University Press, 2010.

LÖW, Andrea. *Juden im Getto Litzmannstadt: Lebensbedingungen, Selbstwahrnehmung, Verhalten*. Göttingen: Wallstein Verlag, 2010.

PODOLSKA, Joanna. *Traces of the Litzmannstadt-Getto: a guide to the past*. Łódź: Piątek Trzynastego Wydawnictwo, 2004.

POLANSKY, Antony. *Polin: A Journal of Polish-Jewish Studies*, v. 6. Oxford: Blackwell, 1991.

TIEDENS, Larissa Z. Optimism and Revolt of the Opressed: A Comparison of Two Polish Jewish Ghettos of World War II. *Political Psychology*, Columbus, v. 18, n. 1, p. 45-69, mar. 1997. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/0162-895X.00044/abstract>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

TRUNK, Isaiah. *Łódź Ghetto: a history*. Indiana: Indiana University Press, 2008.

UNGER, Michal. *Reassessment of the Image of Mordechai Chaim Rumkowski*. Jerusalem: Yad Vashem, 2004.

ZELKOWICZ, Josef. *In those terrible days: notes from the Łódź Ghetto*. Jerusalem: Yad Vashem, 2002.

-----

Recebido em: 09/08/2017.

Aprovado em: 09/10/2017.